

InFormAÇÃO

www.jnd.ifsp.edu.br

Av. Dr. Cavalcanti, N°396, Complexo Argos, Vila Arens – Jundiaí - SP – 13201-003 Tel: (11) 2448-8500

Esta edição temática está relacionada ao Setembro Verde, mês de Prevenção ao Câncer de Intestino.

Dia mundial da Alfabetização

Por Anelize Delegá e Guilherme Castro

No dia 08 de setembro é celebrado o “Dia Mundial da Alfabetização”. A data foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em 1966. Em suma, o objetivo é que assuntos e questões ligadas à alfabetização sejam discutidas no mundo todo, principalmente em países que ainda possuem um índice de analfabetismo considerável.

No entanto, mesmo sendo pauta mundial de grande relevância, muitas pessoas ainda encontram dificuldades para ter acesso à alfabetização, ora por conta de desigualdades instauradas em nossa realidade social, ora pela má qualidade do ensino e a falta de incentivo à leitura.

Estima-se que atualmente existam cerca de 800 milhões de adultos no mundo que não sabem ler ou escrever, segundo a Unesco. Já no Brasil, segundo o IBGE, 2,4 milhões de crianças são analfabetas funcionais, ou seja, são indivíduos que, embora saibam reconhecer letras e números, são incapazes de compreender textos simples ou realizar operações matemáticas mais elaboradas. Por esse motivo, nas últimas décadas, a temática vem sendo cada vez discutida, tendo como resposta a ação de vários países que assumiram o compromisso de combater o analfabetismo.



Foto: Reprodução/Google

O caminho para que isso deixe de existir é simples: que a população seja alfabetizada. O processo de aprendizagem tem como resultado o aperfeiçoamento da comunicação e sua utilização como um código que permite interações, troca de informações e experiência com fluidez.

A alfabetização é a base da educação, sendo um direito mínimo e que deve ser garantido a todos.

Desse modo, é por meio de incentivo à leitura, análise de temas em concordância com a realidade dos estudantes (de todas as idades) e, sobretudo, a melhoria na qualidade do ensino, que o analfabetismo chegará próximo do fim, tornando a nossa sociedade cada vez mais igualitária.

A exclusão de grupos a partir do higienismo social

Por Yasmin Santos

No final do século XIX, surge, na França, o “Higienismo Social”, termo que se refere à limpeza da sociedade, buscando a integridade pública em uma época cientificista em que o método científico se sobressaiu às outras áreas. A proposta tinha grande influência na organização e planejamento das cidades, surgindo até mesmo médicos higienistas, aos quais cabia garantir uma saúde pública que priorizava a elite.

O higienismo chegou no Brasil ainda nessa época, com o país marcado por transições, de Império para República e de escravocrata para abolicionista. Foi no Rio de Janeiro que o movimento ganhou força, com o término da escravidão muitos ex-escravizados ficaram “sem rumo”, da mesma forma que alguns senhores faliram e deixaram seus casarões. Nesse contexto, as pessoas com desvantagens passaram a abrigar os palacetes, agora conhecidos como cortiços.

Sem condições básicas a elite considerava como doença os chamados “vícios morais”, os quais prejudicavam a organização da cidade. Em um lugar elitista e dividido em privilégio e descaso, aqueles com *status* econômico maior mostravam incômodo com a presença dos miseráveis, que nada podiam fazer para garantir a manutenção da saúde pública desejada pelas elites. Em 1904 centenas de cortiços foram derrubados para a construção da Avenida Rio Branco, atendendo a alta sociedade e desprovendo as pessoas sem condições.

Os desamparados, então, foram para as zonas periféricas da cidade, originando parte das favelas do Rio de Janeiro, longe dos centros e respeitando a demanda elitista, mesmo sem ter condições, permaneceram e permanecem até hoje às margens da sociedade.

Atualmente ainda acontece o higienismo social, principalmente quando órgãos políticos adotam formas de extinguir determinados grupos de pessoas, como aquelas em condições de rua, colocando pedras debaixo de viadutos e bancos com vãos, privando as pessoas de se deitarem, com o objetivo principal de excluir pessoas ou grupos que não correspondem ao padrão imposto.

Nesse sentido, a “limpeza de pessoas”, ou higienismo social, propõe uma ideia de organização da sociedade, a forma como os grupos sociais se dividem hoje se justifica a partir de um contexto histórico influente que atende as vontades da elite e desfoca a atenção dos grupos desprovidos de vantagens.

SILLAC

Por Júlia Aguiar

Entre os dias 12 e 14 de setembro ocorreu o 1º Simpósio de Literatura Latino-americana Contemporânea: tensões, imaginários e interseções (I SILLAC), organizado pelo Câmpus Itaquaquecetuba do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), em parceria com a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

O evento teve como principal objetivo promover o diálogo e a troca de experiências entre pesquisadores que se dedicam aos estudos da literatura latino-americana contemporânea. O evento ocorreu de forma *on-line*, organizado em sessões de comunicações livres que foram transmitidas no *Youtube*, pelo canal oficial do Câmpus Itaquaquecetuba.

Mas não parem que acabou por aí! As alunas Eduarda da Silva Mendes, Júlia Aguiar Silva e Yasmin Victoria Santos Malaquias, integrantes do projeto de Iniciação Científica “Lubi Prates e a literatura negra feminina no Brasil”, orientadas pela professora Jaqueline Ferreira Borges, compareceram ao evento representando o nosso câmpus. A sessão ocorreu na terça-feira (13) e teve como mediadora Daniele Aparecida Pereira Zaratini, doutora e licenciada em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

JIF 2022

Por Guilherme Castro

Neste mês, estudantes do câmpus Jundiá foram até São Paulo competir na 10ª edição dos “Jogos do Instituto Federal”, o JIF, sendo representado por quatro modalidades, entre elas o vôlei feminino, tênis de mesa, xadrez e futsal.

As competições têm três fases: a etapa dentro de cada instituição, a estadual e a nacional. No geral, os atletas do câmpus tiveram bons resultados em modalidades individuais, mesmo enfrentando atletas de alto nível. Nas modalidades em grupo, os alunos acabaram não se classificando.

Agora, os competidores de tênis de mesa e de xadrez irão ao câmpus Tupã disputar a terceira fase da competição. Após obterem excelentes resultados com adversários bem preparados, a equipe chegará com grande favoritismo.

Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera: Uma história de luta para além dos direitos das pessoas trans

Por Yasmin Malaquias

Marsha P. Johnson, mulher negra e trans, foi uma grande ativista e até hoje sua história lendária é lembrada e enaltecida. Sua vida e morte foram marcantes para toda comunidade LGBTQIA+, principalmente para aqueles que eram participantes engajados deste movimento nas décadas de 70 e 80, em Nova York. Juntamente de Sylvia Rivera, mulher trans e latina, Marsha liderava manifestações, paradas e, mesmo com o pouco que tinha, acolhia mulheres trans em situação de rua.

Este lar de acolhimento se chamava STAR – Ação Revolucionária das Travestis de Rua, na tradução livre – e ajudou muitas mulheres expulsas de casa, que infelizmente eram condenadas a um destino perigoso: o da prostituição. Porém, como disse a própria Sylvia “A STAR era para os gays de rua, os moradores de rua e qualquer um que precisasse de ajuda naquele momento”, ou seja, a luta dessas duas mulheres perpassa as questões de gênero e sexualidade, alcançando as questões de classe e raça.

Cabe apontar que durante aquele período, a violência policial contra todas as pessoas que participavam do movimento de libertação gay era algo normalizado. Portanto, quando Marsha P. Johnson foi encontrada morta no fundo do rio Holland e as investigações apontaram para suicídio, todos se revoltaram.



Foto: Reprodução/Google

Resenha: O Dilema das Redes

Por Nicolý de Jesus

O documentário “O dilema das redes”, publicado no ano de 2020 na Netflix e dirigido por Jeff Orlowski, foi realizado a partir do depoimento de ex-trabalhadores que ajudaram na construção e no desenvolvimento de redes como *Facebook*, *Google*, *Pinterest*, *Youtube* e *Twitter*. Na obra cinematográfica são expostos os efeitos colaterais da tecnologia e os verdadeiros objetivos das grandes empresas multinacionais das mídias sociais, as quais utilizam-se de técnicas psicológicas e de aspectos de grande relevância para a sociedade, a fim de obter lucros financeiros.

A princípio, o longa mostra que a possibilidade de conexão – viabilizada pelas redes sociais – permite uma grande corrente de informações para indivíduos de todas as idades, das quais pode-se citar: diversidade de opiniões políticas, notícias e padrões, por exemplo, de beleza inalcançáveis. Em decorrência dessa manipulação, acaba-se originando problemas sociais, como elevados níveis de ansiedade para os usuários, violências (virtuais ou não), *fake news* e, sobretudo, a intensificação de dependência das redes sociais, visto a abundante disponibilidade de prazer a curto prazo nas mídias.

No entanto, embora sejam evidentes os malefícios das redes, o documentário expõe que os meios tecnológicos se encontram enraizados no cotidiano populacional hodierno, dentre os motivos, encontra-se a multi utilidade, a alta eficácia e a eficiência da tecnologia das redes sociais. Porém, o que antes era complicado ter a independência ou até mesmo exclusão das mídias da vida do povo, agora tornou-se mais complexo, dado um grande obstáculo: o vício.

Tendo em vista esses pontos, o documentário revela que esse problema é proposital, já que as grandes empresas multinacionais responsáveis pelas mídias desejam “prender” os usuários, mantendo-os entretidos nas redes sociais, as quais são programadas para realizar recomendações de conteúdos do interesse de cada pessoa e, conforme o tempo passa, mapeia-se o comportamento do indivíduo de acordo com as suas preferências. Assim, possibilita-se prever o comportamento do usuário e mantê-lo por mais tempo dentro do sistema. Dadas essas ações, os entrevistados do longa argumentam que, tendo conquistado a atenção das logadas, as empresas começam a disponibilizar inúmeros anúncios que trazem remuneração por cada visualização, tornando os usuários como produto para a obtenção do lucro.

Em suma, o documentário permite compreender que as redes sociais, diferentemente da época em que foi criada, tornou-se uma arma de persuasão e de dependência para transformar o tempo de cada pessoa em um lucro somente empresarial. Por meio dessa realidade, o longa metragem proporciona uma reflexão sobre como nós utilizamos os nossos aparelhos eletrônicos, ou melhor dizendo,

como eles nos utilizam. Contudo, enfatizam que a tecnologia não é um mal, mas sim uma ferramenta de inúmeros vantagens que está sendo utilizada de uma forma inadequada: a favor – principalmente – do atual capitalismo que rege as empresas.

Resenha: Holocausto Brasileiro

Por Yasmin Santos

Quando falamos de holocausto, logo nos vem à mente a Alemanha nazista, os judeus e Hitler. Mas e se esse termo também fosse usado para se referir a um ambiente localizado no Brasil e que teve sua última cela de tortura desativada há menos de 30 anos?

É isso que o “Holocausto Brasileiro”, de Daniela Arbex, trata. Devido aos horrores vividos e presenciados no maior hospício do país, localizado em Barbacena, o município de Minas Gerais ganhou notoriedade por instalar o Colônia, nome dado ao “inferno” na Terra.

O conteúdo abordado no livro é visto normalmente em tramas fictícias: torturas, psicocirurgias, eletrochoque, tráfico de cadáveres e falta de condições básicas, mas nesse caso nada disso é ficção. Os pacientes, de crianças a idosos, chegavam a ter sua identidade roubada, e muitas vezes sem justificativas plausíveis.

A autora do livro não hesitou em explorar os elementos de tortura, pois a cada capítulo é possível imaginar o que aconteceu ali, embora só as pessoas que vivenciaram tais violências podem entender, de fato. Os poucos sobreviventes carregam seus traumas e tentam se adaptar a uma realidade justa, a qual deveriam ter tido durante uma vida inteira. Muitos dos pacientes lá encontrados residiam no Colônia desde criança e o tratamento recebido por elas não se distinguia do que era oferecido aos adultos.

“Holocausto Brasileiro” é um livro pra quem busca conhecer mais a respeito de uma situação profundamente violenta e desumana que aconteceu no Brasil no século passado, pois apesar de tratar sobre temas difíceis e reais, a obra vai te envolver e você vai querer saber mais sobre aqueles que eram despidos não só de suas roupas, mas de sua dignidade.

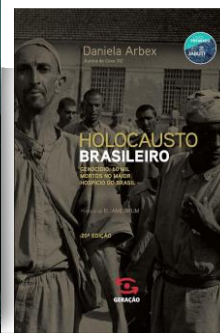
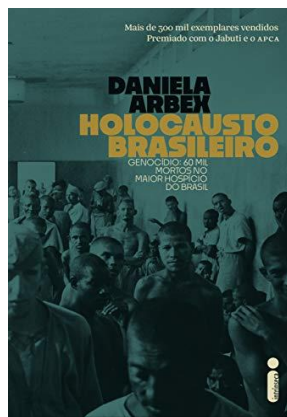


Foto: Reprodução/Google

FOLH&TIM

Resenha: Vidas Secas

Por Fábria Catalano

“Vidas Secas” é uma obra nacional que foi escrita por Graciliano Ramos em 1938. O livro pertence à segunda fase modernista, a qual se destaca também pela temática regionalista. A narrativa foi qualificada como uma das melhores obras da época e recebeu o famoso prêmio norte-americano da Fundação *William Faulkner* como livro representativo da Literatura Brasileira Contemporânea.

O primeiro capítulo do livro, intitulado *Mudanças*, narra a caminhada da família sertaneja pelo sertão nordestino, tentando sobreviver ao cansaço e à fome. O último capítulo, chamado *Fuga*, apresenta a família de Fabiano novamente fugindo da seca do sertão. Analisando o capítulo inicial e final, podemos inferir que os personagens vivem em um ciclo de adversidades. Já nos demais capítulos não há organização cronológica, então podem ser lidos de maneira independente. O livro é composto principalmente por cinco personagens: Sinhá Vitória, o filho mais novo, o filho mais velho, a cachorra Baleia e Fabiano, o último destes sendo o grande foco.

O maior objetivo da narrativa é apresentar intrinsecamente os conflitos que atravessam os protagonistas, nesse sentido, Fabiano traz vários questionamentos aos leitores, mostrando-se um homem pressionado tanto pela sociedade quanto por sua natureza. Ele é silenciado como ambiente à sua volta, e isso é o resultado do sofrimento causado pela seca e pelas injustiças sociais que sofreu ao longo de sua vida. Por não ser uma obra cheia de diálogos, grande parte da narrativa é interna e acontece a partir dos pensamentos dos personagens.

O autor, Graciliano Ramos, cria o enredo com base na falta de eloquência dos envolvidos, ou seja, cabe ao narrador evidenciar as características dos personagens através de uma construção indireta, em terceira pessoa, e ele faz isso muito bem ao mostrar a necessidade de Fabiano em definir sua identidade, como homem ou como bicho, além do biológico e chegando ao moral.

O processo inverso à animalização, ou seja, a humanização, também ocorre em relação a personagem Baleia, a cachorra da família, responsável pelas sensações mais humanas de todo o livro, provocando toda uma sensibilidade ao leitor que já a considera membro fundamental da família.

Ler “Vidas Secas”, para mim, foi um processo de imersão na escassez não só hídrica, como também social. Observar como os personagens se sentiam e não conseguiam se expressar, exemplificou como as pessoas são mais profundas e influenciadas pelo ambiente à sua volta do que parece. É uma leitura completa, que te faz viajar até o sertão e suas peculiaridades de maneira fluida, possibilitando uma experiência única.

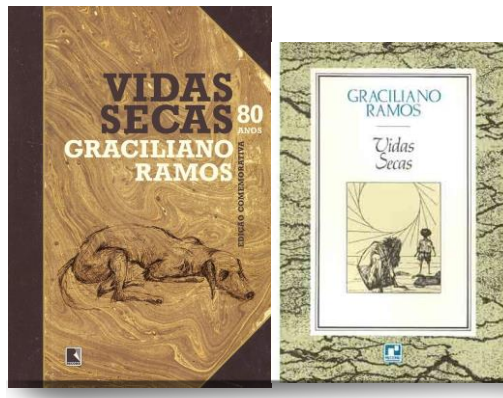


Foto: Reprodução/Google

Outro Dia

Por Yasmin Silva

Outro dia no mar e longe do lar
de refúgio, paz e liberdade
estamos. Sentimos medo e maldade
no ar, não cansam de nos esfolar.
Dizem que somos sujos, inferiores
Somos pretos, portanto pecadores.
Falam de um Deus que eu não conheço
Será que ele pode me salvar? Careço.
Somos humanos, como não veem!?
Sentimos fome, frio, saudade, dor
Será que não lhes foi ensinado o amor?
A noite logo chega, e eles creem
Que neste lugar nós iremos chegar
Outro dia no mar, longe do meu lar...

EXPEDIENTE

Editoração/Revisão: Gabriela Alias, Jaqueline Borges e Ana Helena Fiamengui.

Diagramação: Guilherme Castro.

Acessibilidade: Guilherme Castro.

Jornal desenvolvido por alunos do curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Avançado Jundiá.